UM PROGRAMA RELIGIOSO È UM PROGRAMA PARA TODOS

Um programa religioso é dirigido somente a quem crê? É pensado, escrito, trabalhado somente para a pequena horta dos fieis? A pergunta é importante. No tempo dos milhares de canais, quando existe a TV para a caça, para a pesca, para tênis, para música de rock, será que também a fé arrisca tornar-se uma cota do mercado que pode ser interceptada? E colocar num recinto fechado? Aquele dos apaixonados por um gênero? Mas, a fé é um gênero? Como os amarelos ou os fantasias?

Não, não é isso. Não é um hobby, nem uma paixão individual para cultivar com outros apaixonados. Não se pode imaginar um produto que fala sobre a fé, como se fosse um dos tantos segmentos do mercado para agredir com cinismo.

Os meios de comunicação são, pelo contrário, instrumentos para serem usados para alcançar maior número de pessoas, aquelas que, como ensinava Alberione, vivem nas periferias da existência (uma expressão do Papa Francisco que o Primeiro Mestre teria amado muito). «Para onde vai esta humanidade?», escrevia Padre Alberione. «Onde caminha, como caminha, para que meta caminha esta humanidade que sempre se renova sobre a face da terra?». Atentos a essa humanidade fazemos parte nós, também para que nas periferias existenciais, com resolução, cheguemos todos.

É aquela humanidade que logo pela manhã pelas estradas, indo para o trabalho. Fazemos parte do afã de quem nunca tem tempo, de quem vive com pressa e superficialidade e arrisca envelhecer sem dar-se conta do ponto de vista de Deus, aquele ângulo do visual amorável e terno no qual somos observados por Ele em cada momento da nossa vida.

Quando comecei trabalhar num programa religioso, logo me dei conta de que não podia trabalhar num gueto: devia permanecer aberto. Antes, precisamos abrí-lo ainda mais. Não era apenas deixar a porta aberta, mas demolir o muro e viver com o rosto na estrada. Por que? Porque um programa de fala de fé, como eu o vejo, é o único programa que pode falar a todos. É o verdadeiro serviço público. Não é preciso crer para colocar-se algumas perguntas de bom senso: você as tem só no respirar. São aquelas perguntas que tocam no sentido da vida: como se cresce? Como se envelhece? Como crescem os filhos? Por que ter filhos? E por que não nascem as crianças? A vocação, o futuro, que farei? Os erros, a esperança, a doença, a alegria, a morte, a riqueza a pobreza, a justiça. Nós não damos respostas como um manual de vida, indicamos com as experiências, as histórias, as palavras dos santos, com o ensinamento do Papa, uma prospectiva que é Deus. Quem fala daqueles temas hoje? Ainda que de modo laico e sem citar Deus? Ninguém. A verdadeira vida está anestesiada sobre os multi mídia. Dizem-me: «Mas se falais de Deus, dais uma conotação ao vosso discurso que vos isola». E esse discurso nos faltaria, respondo. Não se pode dar uma resposta sem indicar uma meta. Se permaneces no "vago" não respondes a ninguém.

De fato quem acredita que escuta para melhor compreender? Quem não acredita para encontrar um confronto. E então, um programa religioso é um terreno fecundo de encontro. Não é a meia hora de catecismo. Não é o orgulho de uma minoria e nem mesmo a ditadura de uma maioria.

Todavia, porém é comunicação e tem suas regras. A popularidade é uma destas: não devemos temer de ser populares, de falar a todos, de usar as linguagens da cultura popular. Se Jesus usava as parábolas, nós não podemos refugiar-nos nos intelectualismos, como muitas vezes vimos fazer.

Outra rega é dimensão industrial, que significa "format", grandes tiragens, escolhas globais, grandes investimentos, "crosmedialidade". Ligando tudo está uma espiritualidade da comunicação, que falta e que só encontramos aprofundando Padre Alberione. Espiritualidade e cultura de imprensa da comunicação, o Bem-aventurado Fundador da Família Paulina continua a preceder-nos com suas intuições.

Rosario Carello